

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE ECONOMIA**

**TEXTOS PEDAGÓGICOS
Nº. 2**

**NOTAS SOBRE UMA DISCIPLINA DE 'ESTUDOS ECONÓMICOS
APLICADOS'**

**VERSÃO 1.00
ABR. 94**

**CARLOS PIMENTA
PROFESSOR ASSOCIADO DA UNIVERSIDADE DO PORTO**

INTRODUÇÃO

Quando da reformulação da licenciatura de Economia em 1986¹, na Faculdade de Economia do Porto, alguns docentes do Conselho Científico defenderam a existência de uma disciplina, no último ano do curso, designada Estudos Económicos Aplicados. Os seus contornos estavam então mal definidos mas sentia-se a sua necessidade, para os estudantes que iam terminar a licenciatura de,

- ✓ aprenderem, exercendo, as técnicas de investigação
- ✓ poderem aplicar todos os conhecimentos adquiridos durante a licenciatura sem as fragmentações que a estrutura disciplinar necessariamente impõe
- ✓ estudarem a realidade portuguesa.

Se houve a aceitação destes princípios genéricos estava-se ainda longe de conhecer em pormenor a importância que esta disciplina viria a assumir na

¹Esta reformulação da licenciatura foi essencialmente o resultado da Faculdade passar a conceder duas licenciaturas: Economia e Gestão. Para tal também contribuiu o grande salto qualitativo então verificado na preparação dos professores da instituição.

formação dos estudantes e na criação de um ambiente de investigação entre estes e no corpo docente.

Foram os anos seguintes, com experiências muito diversas conforme o ano lectivo e a turma que nos permitiu ter uma visão mais clara da importância desta disciplina.² Neste breve texto pretende-se explicitar alguns dos aspectos mais importantes desta experiência, orientados para a explicitação de lições úteis para a revisão curricular na FE-UEM.

EXPERIÊNCIA PORTUGUESA

O objectivo fundamental da disciplina de Estudos Económicos Aplicados é exigir/permitir aos estudantes que realizem um trabalho de investigação sobre um tema de Economia do seu interesse e que, por um lado, permita fazer o ponto da situação da investigação sobre essa matéria e, pelo outro, aplicar a problemática definida à realidade portuguesa, devendo para tal utilizar os métodos estatísticos e econométricos adequados.

Normalmente começa-se a disciplina com um misto de organização do trabalho nas turmas e de transmissão de um conjunto de conhecimentos sobre trabalho de investigação. A organização do trabalho consiste em começar a debater com cada estudante o que pensa fazer, constituir grupos de trabalho, e começar a explicar os princípios orientadores da disciplina.

A transmissão de conhecimentos sobre trabalho de investigação incide particularmente sobre:

- ✓ escolha do assunto, delimitação do tema, formulação do problema e adequação da pesquisa a esse objectivo
- ✓ organização do plano de trabalho
- ✓ pesquisa bibliográfica, leitura e organização de apontamentos
- ✓ recolha e tratamento da informação estatística

²Apontemos apenas dois exemplos para mostrar a importância assumida pela disciplina:

- ✓ Quando ela foi introduzida no conjunto das disciplinas da licenciatura de Economia mereceu a atenção do Conselho Científico durante 15 minutos. Aprovado por unanimidade era uma ilustre desconhecida. Quando foi necessário monta-la aquele órgão limitou-se a pedir ao proponente da proposta que se encarregasse de estrutura-la. Passados dois anos do seu funcionamento o CG agendou o debate sobre o conteúdo e organização de Estudos Económicos Aplicados e esse foi tema durante cerca de sete horas. Não estava em jogo a sua existência ou o trabalho realizado mas a forma de aumentar a sua importância na licenciatura e analisar o interesse de envolver mais docentes (sobretudo doutorados) no funcionamento da disciplina.
- ✓ Ao fim de dois anos de funcionamento da disciplina começaram-se a criar condições para que uma parte dos trabalhos realizados ficassem depositados na Biblioteca da Faculdade e outra fosse publicada, ou nos Cadernos de Investigação da FEP ou em revistas de economia existentes em Portugal.

✓ elaboração de relatórios³

O esforço inicial principal é ajudar os grupos de trabalho (formados por dois a quatro estudantes) a delimitarem o tema a estudar, a formularem as questões problemáticas a que pretendem dar resposta, a elaborarem um esquema de trabalho detalhado (índice provisório), lógico e organizado, a definir as necessidades bibliográficas e de informação estatística para tratar o tema, a estabelecer, em linhas gerais, as metodologias a utilizar, a definir a calendarização.

É habitual dizer que o mais difícil num trabalho de investigação é escrever o título exacto do trabalho e escrever o primeiro parágrafo. A experiência demonstra que os grupos de trabalho que formulam claramente as suas problemáticas e que definem um esquema exacto e coerente têm grandes probabilidades de realizar bons trabalhos. Por isso, o dedicar muita atenção a esta fase. Durante as aulas há uma viva discussão sobre estas questões cabendo aos grupos apresentar propostas, dúvidas, dificuldades que são analisadas pelo professor e pelos colegas.

Esta fase culmina com a entrega de um texto de meia dúzia de páginas em que apresentam o título provisório, o índice provisório do trabalho e uma primeira redacção da introdução em que justificam a escolha do tema, indicam os problemas a analisar e levantam hipóteses de conclusão.

É importante dizer que a preocupação do professor não deve ser nunca de indicar um tema, uma problemática, mas sim de fazer com que os estudantes indiquem hipóteses de assunto e acompanha-los, aproveitando as suas potencialidades e os seus erros, de forma a serem eles a chegar ao tema definitivo. Este processo de descoberta é uma das vertentes mais aliciantes da disciplina e é das que os estudantes recordam com maior alegria.

Em resultado do amadurecimento das ideias por parte do grupo, das críticas e sugestões dos colegas e professor durante as aulas e no atendimento aos grupos, das pesquisas bibliográficas posteriormente realizadas e da constatação da existência de muitos ou poucos dados estatísticos disponíveis, esse plano de trabalho inicial é, quase sempre, modificado. A fase seguinte consiste pois, em fazer uma investigação exaustiva da bibliografia e em inventariar a informação disponível e as formas de superar as eventuais lacunas.

Se na primeira fase o mais importante é levar os alunos a formularem as questões problemáticas a que pretendem dar resposta, nesta segunda, o

³Frequentemente este ponto é reservado para mais tarde, para a data em que vão começar a elaborar os respectivos relatórios.

essencial é descodificar a teoria e encontrar as variáveis quantificáveis estudáveis na realidade portuguesa.

Após fazerem um texto de meia dúzia de páginas sobre o ponto da situação e aperfeiçoarem o plano apresentado anteriormente entram na fase de redacção do trabalho. Se um grupo vai apresentando partes do trabalho para discussão com o professor, sobretudo aquelas em que tem mais dúvidas, este a dada altura pode aconselhar a entrar na fase definitiva de redacção. Caso isto não aconteça pode propor que o grupo ainda apresente uma redacção provisória antes de entrar na definitiva.

Nesta fase do trabalho o fundamental é garantir que o texto seja equilibrado nas suas partes constituintes, agarre as questões fundamentais, seja lógico, etc.

Os alunos sabem que o trabalho que apresentam é apreciado rigorosamente do ponto de vista formal e de conteúdo.

Do ponto de vista formal não existem regras rígidas definidas mas grandes princípios orientadores⁴. Mais, é fornecido aos estudantes os itens principais na base dos quais se faz uma primeira apreciação do trabalho.⁵

Essa mesma liberdade é dada quanto à dimensão do trabalho. São-lhes transmitidas as regras quanto à redacção, notas de fim de página, anexos, citações, etc. e é-lhes dito que a dimensão do trabalho deve ser a que fôr necessária, tanto sendo negativo ter materiais desnecessários como tê-los em excesso ou faltar a abordagem de alguns dos assuntos.⁶

Permitam que acrescente, ainda, uma última referência sobre o funcionamento da disciplina. Como se disse o trabalho dos grupos de uma determinada turma é acompanhado e orientado pelo docente responsável por essa turma. A amplitude temática para os grupos definirem os seus trabalhos depende da área de formação e especialização de cada um dos docentes⁷. No entanto é

⁴Por exemplo, eles sabem que têm de ter uma listagem da bibliografia devendo indicar se é a consultada ou a citada e que qualquer transcrição deve estar assinalada de forma ao leitor poder verificar a sua correcção ou analisar o contexto em que se insere mas tento podem utilizar o sistema anglo-saxónico, como o francês, como qualquer outro por eles inventado desde que coerente,

⁵Esses itens são os que constam do Anexo II.

⁶Em média os trabalhos têm cerca de 40 páginas tomando como referência 30 linhas a 65 caracteres cada uma, mas a variância é muito grande. Certos trabalhos de pendor mais econométrico têm frequentemente cerca de 15/20 páginas. Alguns trabalhos atingem a 150 páginas. Para se compreender esta diversidade tem de se ter em conta a grande diversidade de temas tratados.

⁷Em alguns casos, se o professor tiver preparação para tal, pode-se permitir qualquer tema de Economia ou interdisciplinar.

impossível, por muito esforço que o docente faça para tal, ser conhecedor de todos os temas⁸. Assim, para além de não haver qualquer constrangimento em expressar isso mesmo aos grupos de trabalho, deve-se sugerir que os estudantes para certos assuntos específicos (interpretação do modelo x e y ; inventariação dos dados disponíveis; técnicas econométricas a utilizar, etc.) se aconselhem junto de outros professores da Faculdade ou mesmo de especialistas exteriores a ela, tendo o cuidado de fazer referência a tal situação, nos agradecimentos.⁹

INTERESSE NA LICENCIATURA DA FE-UEM

O interesse de uma experiência deste tipo parece ser evidente em qualquer licenciatura de Economia, mas pode assumir um particular interesse na actual situação, na medida em que está em discussão a futura existência dos trabalhos de licenciatura.

Caso no futuro deixem de existir os trabalhos de licenciatura as investigações realizadas no âmbito da disciplina de EEA podem ser um digno substituto. Caso aqueles continuem a existir os estudos resultantes do funcionamento da disciplina permitiria que quase de imediato os alunos apresentassem os seus respectivos trabalhos de licenciatura.

Permitam-me, contudo, acrescentar que a montagem de uma disciplina desta em dois semestres poderia ser a forma de resolver a situação de grande parte dos trabalhos de licenciatura em Economia pendentes, desde que:

- ✓ Faculdade tivesse capacidade de mobilização desses ex-alunos
- ✓ Um professor 'senior' coadjuvado por mais dois ou três docentes colocassem a disciplina em funcionamento
- ✓ O actual regulamento de trabalho de licenciatura fosse substituído por outro mais conforme com os aspectos focados neste documento.¹⁰

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Quais as semelhanças e diferenças em relação ao trabalho de licenciatura?

⁸Posso acrescentar que nas minhas turmas, porque o assunto é muitíssimo amplo e estimulo a procura de novos temas, têm surgido muitos estudos que me exigem uma investigação autónoma.

⁹Para completar estas informações ver o anexo I.

¹⁰Este documento refere-se à montagem de uma disciplina deste tipo na licenciatura de Economia, não sendo extrapolável para a licenciatura de Gestão. Contudo, neste último aspecto, como expediente para resolver o grave problema dos trabalhos de licenciatura em atraso, creio que se poderá estabelecer alguns paralelismos entre as duas licenciaturas.

Existem, certamente, bastantes semelhanças, de que as principais são:

- ✓ os alunos têm uma oportunidade (ou obrigatoriedade, conforme o ponto de vista) de aplicar criadoramente os seus conhecimentos
- ✓ aprendem pela acção as técnicas de investigação
- ✓ fazem uma síntese dos conhecimentos adquiridos durante a licenciatura.

Além disso contribuem para criar um ambiente institucional de investigação e, em alguns casos, estimular a ligação ao meio envolvente. Acrescente-se que todo o trabalho escrito dá, seguidamente, lugar a um debate oral perante os professores da disciplina. Contudo existem algumas diferenças fundamentais: (1) O trabalho integra-se numa disciplina fazendo parte do tempo normal de escolaridade; (2) Todo o trabalho do aluno, desde a definição do tema e sua estruturação até à recolha da informação e redacção, é discutido pelo professor e pelos colegas, havendo um sistemático acompanhamento, (3) Os prazos são estabelecidos com muito rigor e o trabalho vai sendo progressivamente reanalisado e concretizado.

Seria útil os alunos terem tido previamente uma disciplina de técnicas e métodos de investigação?

O conteúdo de um curso de técnicas e métodos de investigação pode ser muito diverso, podendo ir desde a apresentação de um conjunto de técnicas de leitura, memorização e redacção até ao debate das questões epistemológicas e metodológicas da Economia Política. Tanto pode ser um instrumento auxiliar do estudo quotidiano como um conjunto de maçadoras regras que são para desprezar. Tudo depende do grau de preparação dos alunos e professores e da inserção no plano curricular global. É, pois, difícil responder a essa pergunta. Admitindo que se dá a essa disciplina uma temática semelhante à que desenvolvi no meu livro¹¹ diria que não é contraproducente essa prévia aprendizagem mas não é necessária.

Um estudante universitário já adquiriu espontaneamente um determinado método de trabalho, mesmo que sobre tal nunca tenha reflectido. Espontaneamente assume que aquele é o 'melhor método'. Esta convicção espontânea até pode ser 'comprovada experimentalmente': sempre que pretende mudar de método encontra dificuldades e a sua produtividade diminui. Com efeito, existe resistência à mudança e os

¹¹Refiro-me à primeira parte ("Métodos de Estudo") do livro *Pensar a Economia - 10º Ano*, Porto, Porto Editora, 1993

processos de compreensão e memorização estão associadas a certos hábitos adquiridos.¹² Um processo de mudança tem alguns custos que só perseverantemente podem ser superados. A transmissão de conhecimentos sobre técnicas de investigação só produz efeito, pelo menos para a generalidade dos estudantes, desde que tal seja acompanhado de um trabalho de investigação que os obrigue a aplicar as novas técnicas e que revele inequivocamente a sua vantagem.

Ao transmitir essas técnicas de investigação, só no fim do curso, impediu-se o aluno de durante a sua licenciatura ter feito adequadamente diversos trabalhos de disciplina ?

Essa afirmação contém considerações correctas e erradas. De facto, os estudantes realizaram ao longo da licenciatura trabalhos em que não fizeram uma organização temática adequada, em que tiveram insuficiente pesquisa bibliográfica, em que ignoravam se deveriam seguir a sequência de investigação ou de exposição, etc. E assim aconteceu porque não tinham certos conhecimentos e porque os docentes dessas disciplinas não tiveram a preocupação de começar a industriá-los nessas temáticas, pelo menos nas que se referiam mais directamente com o trabalho a realizar.

Contudo, é fundamental compreender que o erro é parte integrante do processo de aprendizagem, de descoberta científica. Os erros cometidos ao longo da licenciatura são um importante capital acumulado quando se dá a disciplina de Estudos Económicos Aplicados. É a comparação entre o que se diz que se deve fazer e o que se faz na disciplina de EEA, e o que tinham feito até então, que dá o impulso para a mudança de atitudes, para a melhoria qualitativa do trabalho de investigação.

Uma disciplina com as características desta não seria melhor estruturada sem aulas e na base de um sistema tutorial?

A experiência mostra que existem períodos em que é preferível a organização por aulas e outros por trabalho individual, com os grupos. No primeiro caso encontram-se as aulas sobre métodos de investigação, a discussão colectiva sobre os temas, a apresentação das dificuldades e certezas por parte dos grupos ao docente e aos colegas, as trocas de experiência. O sistema tutorial funciona melhor nos períodos em que os grupos estão a trabalhar com a bibliografia e com os dados estatísticos

¹²Consideremos um exemplo. Se uma pessoa está habituada a redigir um relatório com papel e lápis quando começa a tentar escrever directamente à máquina ou em computador parece-lhe que as ideias não saem, que o estilo não é tão fluido, que as coisas não correm bem. Só depois de insistir algum tempo é que consegue adaptar o processo de conceptualização e memorização à nova técnica. A partir de então a antiga técnica é-lhe ineficaz.

em que o recurso ao professor é mais pontual e em qualquer momento, em que as dificuldades surgem.

Com flexibilidade é possível conciliar as duas situações. Nas fases em que se justifica mais o sistema tutorial o professor pode acordar horários de atendimento e marcar as horas de aula como mero local de encontro para quem tenha problemas a debater.

De qualquer forma o funcionamento sobre o sistema de aulas permite uma maior rigidez na fixação dos prazos e uma maior uniformização da calendarização entre os diversos grupos.

Existem docentes moçambicanos preparados para orientar uma disciplina com estas características?

Para responder a esta pergunta convirá distinguir duas situações: montagem da disciplina e funcionamento corrente.

A montagem de uma disciplina como esta não é fácil, para qualquer docente pois a sua forma de funcionamento é diferente das restantes, os assuntos debatidos nas aulas dependem dos temas dos trabalhos e das questões colocadas pelos alunos, exige o eventual estudo de assuntos que não tinham sido previamente abordados pelo docente, solicita a aplicação de técnicas de dinâmica de grupo, etc. Mais, a qualidade da disciplina está muito dependente do perfil do docente. Parece-me fundamental que o docente tenha uma anterior experiência de investigação e docência reconhecida pelos alunos e colegas, que esteja mais preocupado em gerar o debate orientado do que em transmitir um conjunto de coisas previamente preparadas, que tenha como preocupação fundamental fazer com que os alunos conciliem o rigor científico, o gosto pelo estudo e a iniciativa criadora.

Depois de montada, no seu funcionamento corrente, desde que tenha havido a preocupação de envolver vários docentes na sua preparação é fácil mantê-la em execução.

Existem docentes moçambicanos com formação científica e preocupações pedagógicas susceptíveis de montar e pôr a funcionar uma tal disciplina. Apenas lhes falta uma experiência acumulada que pode ser útil e, eventualmente, uma forma diferente de estar na sala de aula. Com efeito, os temas sugeridos pelos alunos são muitas vezes um desafio aos professores, estimulando-os a uma prática de investigação, que ainda é muito insipiente.

Parece-me que a dificuldade maior pode não estar nos docentes mas nas fontes de informação. O interessante destes trabalhos é, os alunos poderem tomar consciência da situação da investigação mundial sobre a problemática e tentar ou avançar ainda mais ou fazer a aplicação de alguns dos mais recentes desenvolvimentos à realidade económica nacional. Tal aconselha bibliografia actualizada, revistas assinadas, CD-

ROMs bibliográficos ou pesquisa em linha nas bases de dados internacionais.

Acrescente-se ainda que a lógica de sistemática apresentação de pequenos trabalhos, sua discussão colectiva e revisão aconselha fortemente a utilização do computador. O mesmo se dirá quanto à utilização de métodos estatísticos, econométricos ou outros (ex. redes neuronais).

Nos documentos anexos diz-se que os alunos tanto podem fazer a disciplina através de trabalho como por exame. Não é uma negação do que se tem estado a dizer?

Sem dúvida nenhuma. Pensamos que uma tal disciplina só deveria ter como forma de avaliação a realização do trabalho. No entanto a legislação nacional portuguesa exige que todas as disciplinas tenham um exame. Tentamos contornar a dificuldade fazendo um exame muito especial (na data do exame escolhem à sorte um tema tendo dez dias para fazer o ponto da situação da investigação sobre o mesmo) e mostrando que a probabilidade de passar por trabalho é muito grande e por exame muito pequena. Contudo a solução ideal seria a existência de uma única forma de avaliação: realização de trabalho com realização da sua defesa.

Seria preferível a realização de trabalhos individuais em vez de trabalhos em grupo?

Optamos pela realização de trabalhos em grupo por duas razões fundamentais: uma pedagógica e outra organizacional.

A realização de trabalhos em grupo permite uma divisão de trabalho e a realização durante um semestre investigações de maior qualidade; permite a aprendizagem do trabalho colectivo e a definição de métodos comuns de investigação; viabiliza uma troca de experiências entre diversos estudantes com propensões e formações diferentes; exige maior disciplina no trabalho na medida em que há um controlo recíproco do trabalho desenvolvido e, finalmente, tudo isto reduz a resistência à mudança nos métodos de trabalho e investigação.

Por outro lado, reduz o número de temas a ser acompanhado por cada professor, o que não evita que algumas turmas mais escolhidas pelos estudantes não exijam do professor a orientação de cerca de 15 trabalhos diferentes.

São permitidos os trabalhos individuais e algumas vezes acontecem quando um determinado estudante por razões de horário, actividade profissional ou outra não consegue formar grupo. Muito raramente um

estudante que trabalhe individualmente consegue terminar o trabalho nos prazos exigidos.

Como é conciliado o trabalho em grupo com a avaliação individual?

Em primeiro lugar essa regra de jogo é conhecida desde o início e consubstancia-se no conhecimento que o professor vai tendo de cada um dos estudantes pelo diálogo realizado nas aulas e nas reuniões com o grupo e no debate oral que faz, no fim, com cada grupo.

Tal facto faz com que os grupos façam um autocontrolo, não aceitando o parasitismo de alguns. Eles sabem que o resultado final é o trabalho de todos e que se alguém não participa é o grupo que está a ser colectivamente afectado. Nas raras situações em que esses processos surgem é o grupo que redefine os seus membros e anuncia ao professor.

Por outro lado, sabem que a divisão do trabalho é um processo de cooperação e que não pode haver especialização dentro do grupo. Se uns sabem mais do que outros em certas matérias -- e é frequente alguns dos elementos do grupo estarem mais preparados nas técnicas econométricas -- têm a obrigação de explicarem aos outros o que sabem. O trabalho colectivo apoiado na avaliação individual reforça a preparação global.

Finalmente o próprio grupo define as suas estratégias de intervenção de forma a mostrar ao professor e aos colegas (este aspecto é importante para os grupos) que todos estão a par das matérias. Os debates de cada trabalho demoram entre uma a duas horas. Se todos os elementos do grupo intervêm na exposição inicial e nas perguntas formuladas pelo professor está feita a avaliação colectiva e global. Se existe algum elemento que é menos participativo ou menos claro nas intervenções o professor pode dirigir-lhe perguntas explicitamente.

Na maior parte das situações as avaliações individuais são próximas mas em alguns casos podem ser muito diferentes, englobando a passagem de uns e a reprovação de outros.

Não se têm defrontado com fraudes?

Sem dúvida que sim, mas a equipa docente pensa ter detectado todas elas. Obviamente, não podemos ter uma certeza absoluta nesta afirmação mas o acompanhamento dos grupos ao longo do ano e o longo debate oral permite ter uma relativa certeza.

Devemos, no entanto, ter cuidado com o que englobamos neste termo, porque tanto pode englobar fraudes deliberadas e moralmente reprováveis como situações de que os próprios alunos não têm consciência clara do erro cometido.

Alguns exemplos de fraudes. Um grupo escolheu como tema "o estudo econométrico da sucedaneidade entre o vinho e a cerveja em Portugal". Apresentou um modelo de equações simultâneas com um elevado grau de sofisticação sem que durante o ano tivesse quaisquer dúvidas a apresentar ao docente. O exame oral começou por discutir econometria e os alunos confessaram que tinham comprado o trabalho.

Um outro grupo escolheu como tema "as potencialidades e estrangulamentos da indústria de automóvel em Portugal". Durante as discussões na definição da temática revelava pouca disponibilidade para acolher as sugestões dos colegas e do professor. Logo na apresentação dos primeiros trabalhos provisórios foi identificado como sendo a cópia de um trabalho já realizado.

Uma situação mais frequente é a utilização de transcrições sem a adequada referência. Em alguns casos trata-se de fraude intencional noutros casos pouca atenção à regras de citação. Porque referem, por exemplo, que o ponto seguinte segue de perto o autor tal ou tal julgam que podem utilizar frases alheias sem a respectiva referência. Em qualquer dos casos não aceitamos um tal trabalho, mas devemos ter consciência, até pela opinião que recolhemos desses estudantes para o futuro, que as razões podem ser diversas. Este é o tipo de fraude mais difícil de detectar mas atendendo à linguagem utilizada, aos conhecimentos do professor, à pesquisa bibliográfica que ele próprio fez, ao debate oral pedindo a explicação de determinadas frases, etc. existe uma forte probabilidade de detecção.

Quando detectamos uma fraude durante a execução do trabalho o grupo é imediatamente reprovado. Quando a detectamos na leitura do trabalho final a equipe docente pode adoptar dois comportamentos, conforme as circunstâncias: reprovar o grupo sem ir à oral; levar o grupo à oral e demonstrar durante esta que houve fraude. Esta atitude é pedagógica e eticamente melhor porque introduz a sanção dos próprios colegas.

ANEXO I: DOCUMENTO DISTRIBUÍDO NO INÍCIO DO ANO AOS ALUNOS

CONSIDERAÇÕES GENÉRICAS

A disciplina Estudos Económicos Aplicados integra-se nas matérias obrigatórias do 5º ano da licenciatura em Economia. Por isso mesmo é frequentada pelos estudantes numa fase terminal do seu processo de aprendizagem.

Como o seu nome indica, pretende ser uma aplicação de conhecimentos diversificados, a realização de estudos que, pela sua temática, conteúdo e forma de abordagem, permita a utilização dos conhecimentos científicos e das técnicas anteriormente adquiridas.

O valor científico acrescentado proporcionado por esta disciplina consiste na explicitação de um conjunto coerente de métodos de estudo e investigação, a concentração de energias sobre uma determinada temática específica, a junção harmónica de saberes dispares, o trabalho realizado pelo aluno sob a orientação do professor.

Por outras palavras, Estudos Económicos Aplicados não é mais uma disciplina em que os docentes vão transmitir um conjunto de conhecimentos previamente estruturados que o aluno deve decodificar, interpretar, integrar, desenvolver e reproduzir. É antes um local onde compete essencialmente ao aluno propôr a temática e a metodologia, a estrutura e os conceitos a utilizar. É um local de trabalho e de discussão colectiva donde resultará um melhor conhecimento de um determinado assunto, a articulação de saberes aprendidos em diversas disciplinas.

FUNCIONAMENTO DAS AULAS

O conjunto de aulas, teórico-práticas, decompõe-se em duas partes:

Introdução

Realização de um trabalho de investigação.

A introdução ocupará as duas primeiras semanas de aulas e consistirá da apresentação e discussão de alguns princípios gerais sobre Métodos de Investigação. A abordagem então realizada funciona como prolegómeno ao trabalho a realizar de seguida e, simultaneamente, como período de maturação para a constituição dos grupos de trabalhos e escolha dos temas específicos a desenvolver.

A realização dum trabalho de investigação decorrerá durante as restantes semanas de aulas com a seguinte calendarização interna:

- 1) Definição do tema do trabalho e elaboração do seu respectivo plano provisório (título, índice e tópicos da introdução).
- 2) Elaboração mais pormenorizada do plano do trabalho (título definitivo, índice bem estruturado, primeira redacção da Introdução) e primeira indicação da bibliografia consultada e a consultar, assim como referência à informação estatística disponível.

3) Elaboração do esboço do trabalho final a apresentar. A partir do plano de trabalho aprovado início de redacção do relatório final, havendo ainda lugar a formular dúvidas e inquietações sobre alguns aspectos do trabalho a apresentar.

4) Elaboração do Trabalho final.

5) Debate colectivo e individual sobre cada um dos trabalhos apresentados.

Calendário concreto:

Até 15/3	Métodos de Investigação
Até 22/3	Fase 1
Até 14/4	Fase 2
Até 10/5	Fase 3
Até 31/5	Fase 4
De 7/6 a 16/6	Fase 5

Provavelmente um trabalho de investigação deste tipo funcionaria melhor se, durante a segunda parte, em vez de aulas clássicas funcionasse um sistema tutorial, mas a proposta apresentada nesse sentido nem sequer foi analisada pelos órgãos competentes da escola. Por isso não existe outra alternativa, funcionando em sistema de aulas, aproveitando esse espaço para o diálogo, o debate, a troca de opiniões.

Neste contexto as aulas serão aquilo que o trabalho dos alunos permita e exija.

CONTEÚDO E FORMA DOS TRABALHOS

Os trabalhos têm que, de alguma forma, incidir sobre a realidade económico-social portuguesa. Têm, igualmente, de envolver uma investigação teórica e o confronto da teoria com a realidade económica em estudo. A intensidade de uma ou de outra vertente depende da problemática estudada, do grau de elaboração conceptual, da informação estatística disponível, das inclinações do aluno mas o trabalho não pode, inequivocamente, olvidar nenhuma delas. Mais, as metodologias utilizadas numa e noutra devem ser concordantes com o facto do aluno estar no semestre terminal do curso.

Em cada turma teórico-prática será apresentado um grande tema e os trabalhos dos alunos têm de se enquadrar dentro dele. Por isso mesmo os alunos terão que se inscrever numa das turmas (antes do início do funcionamento da disciplina). No período de inscrição serão divulgados os temas por turma, de forma a que os alunos possam, dentro dos limites de uma equitativa distribuição dos mesmos pelas diversas turmas, escolher o assunto mais de acordo com os seus interesses.

Os trabalhos serão realizados em grupo, admitindo-se a possibilidade de se aceitar trabalhos realizados individualmente.

O acompanhamento dos trabalhos, a resolução das dificuldades, o debate sobre as melhores formas de investigar ou de tratar a informação disponível, enfim, o acompanhamento é realizado nas aulas. Por isso a presença é aconselhável e positivamente considerada.

A utilização de meios informáticos e a sistematização da informação segundo formatos generalizadamente aceites são aspectos a considerar oportunamente em função do grau de facilidade do acesso dos alunos aqueles.

AVALIAÇÃO

Existem dois métodos de avaliação:

Avaliação contínua

Avaliação por exame

A avaliação contínua consiste no trabalho realizado nas aulas durante o semestre. Envolve, inevitavelmente, três momentos, de acordo com o afirmado anteriormente:

- a) Debate do plano
- b) Debate sobre procura, selecção e tratamento da informação
- c) Debate global sobre o trabalho

As apresentações dos trabalhos e o debate podem ser individuais e/ou colectivos, conforme as circunstâncias, mas a avaliação é sempre individual.

Decorrendo a totalidade da avaliação dos alunos, durante o período de aulas, o sucesso ou insucesso no aproveitamento será conhecido antes do período reservado às avaliações das diversas disciplinas.

A avaliação por exame tem de manter-se fiel aos objectivos da disciplina, tanto mais que esta não tem um conteúdo curricular específico. Por isso o exame baseia-se também no trabalho de investigação do aluno. Numa determinada data serão atribuídos aos estudantes que desejem fazer avaliação por esta via um tema. Na base dele, e durante um período a acordar oportunamente (nunca superior a uma semana), deverão aqueles realizar um trabalho dentro de determinadas dimensões. Seguidamente existirá um debate oral sobre esse mesmo trabalho.

No início dos trabalhos de grupo os alunos declaram expressamente se se integram na avaliação contínua ou não.

MATERIAIS DE ESTUDO

Não serão editados materiais de estudo. Será apresentada uma bibliografia sobre Métodos de Investigação.

DOCENTES, TEMÁTICAS E TURMAS

A equipe docente é constituída por

- 1) Carlos José Gomes Pimenta (regente)
- 2) António Manuel da Silva Osório
- 3) João Manuel de Matos Loureiro
- 4) Manuel Guilherme Oliveira Costa
- 5) Manuel Luís Guimarães da Costa
- 6) Maria do Pilar Esteves Gonzalez
- 7) Maria Margarida Fernandes Ruivo

cabendo-lhes as seguintes turmas

- 1) TP11
- 2) TP1 e TP4
- 3) TP3 e TP6
- 4) TP12
- 5) TP7
- 6) TP8 e TP9
- 7) TP2 e TP5

e as seguintes temáticas genéricas

- 1) Macroeconomia, Mesoconomia, Interdisciplinaridade, Novos Paradigmas.
- 2) Economia Industrial
- 3) Questões Monetárias e Sistema Monetário Europeu
- 4) Economia Internacional
- 5) Economia Industrial
- 6) Economia do Trabalho
- 7) Economia do Trabalho

22/12/96

ANEXO II: ITENS AVALIAÇÃO FORMAL¹³

¹³ Adaptado de um livro de métodos de estudo.

1. Escolha do assunto
 1. Relevância contemporânea
 2. Relevância operatória ou teórica
2. Formulação do problema
 1. Especificação do problema
 1. Exactidão
 2. Novidade
 2. Contexto teórico
 3. Hipóteses iniciais formuladas
 4. Variáveis delimitadas
 5. Especificação de indicadores
3. Introdução
 1. Fez a introdução
 2. Justifica a escolha do tema
 3. Formula o problema
 4. Descreve o caminho percorrido
 5. Concordância com o título
4. Estrutura do trabalho
 1. Revela elaboração do plano
 1. Existência
 2. Segue sequência lógica
 3. Coerência conceptual
 2. Concordância com o título
 3. Possui introdução/desenvolvimento/conclusão
 4. Equilíbrio entre subpartes do trabalho
5. Bibliografia
 1. Pesquisa bibliográfica
 1. Extensão
 2. Actualidade
 3. Fidedignidade
 2. Utilização em citações
6. Estatísticas
 1. Pesquisa estatística
 1. Extensão
 2. Adequação
 3. Crítica de validade
 4. Fidedignidade
 2. Tratamento
 1. Adequação ao título
 2. Métodos
 3. Reflexão crítica sobre métodos

3. Apresentação no trabalho
4. Discernimento do essencial
7. Desenvolvimento lógico
 1. Revela raciocínio lógico
 2. Seguro nas explicações
 3. Sabe demonstrar
 4. Clareza no raciocínio
 5. Prepara com habilidade as inferências
 6. Não extrapola do contexto
 7. Tem consciência das lacunas
8. Conclusões
 1. Relação com hipóteses
 2. Relação com título
 3. Precisão
 4. Não extrapola do contexto
9. Redacção e apresentação
 1. Redacção
 1. Linguagem científica
 2. Linguagem clara
 3. Linguagem gramaticalmente correcta
 2. Apresentação
 1. Primeiras páginas
 2. Gráficos e cartografia
 3. Da bibliografia
 4. Notas de fim de página
 5. Índice